

J o a n A n t o n í M e l é

DINHEIRO E CONSCIÊNCIA

A quem meu dinheiro serve?

J o a n A n t o n í M e l é

DINHEIRO E CONSCIÊNCIA

A quem meu dinheiro serve?

Tradução:
Fabiana Mello



título do original:
Dinero y consciência
Nona edição novembro 2015
Joan Antoni Melé
Plataforma Editorial
ISBN 978 84 96981 69 0

Direitos desta tradução reservados à

Editora João de Barro
R. Barão do Triunfo 88 sl 1612
CEP 04602 000
editorajoodebarro@gmail.com

1ª edição
Agosto de 2017

Tradução:
FABIANA MELLO

Revisão:
MARIANGELA MOTTA DE LUCA

Projeto Gráfico:
GISELA MOTTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Melé, Joan Antoni

Dinheiro e consciência : a quem meu dinheiro serve? / Joan Antoni Melé ;
tradução Fabiana Mello. -- São Paulo: João de Barro Editora, 2017.

Título original: Dinero y consciência : ¿a quin serve mi dinero?
ISBN 978-85-98689-43-2

1. Dinheiro 2. Dinheiro - Aspectos morais 3. Dinheiro - Aspectos sociais
I. Título.

17-07010

CDD-332.4

Índices para catálogo sistemático:

I. Dinheiro : Aspectos sociais : Economia 332.4

“Só existe saúde se no espelho da alma se reflete toda a comunidade, e se nesta vive a força de cada alma individual.”

Rudolf Steiner

ÍNDICE:

Introdução à primeira edição em português	11
Nota à primeira edição em português	14
A Crise da Consciência, Alex Rovira	17
Apresentação, Esteban Barroso	23
Prólogo: Cinco Anos Depois	27
Introdução: Tomar Decisões Livremente	29

1. A CRISE

Crise do Modelo Humano	35
1.1. Crise Ecológica	35
1.2. Crise na Saúde	37
1.3. Crise Social	38
1.4. Crise Econômica	40
1.4.1 Tanta Riqueza	41
1.4.2 Tanta Pobreza	42
1.4.3 Tanta Injustiça	43
1.5. A Crise Financeira.	
O Colapso da Economia Especulativa	46
1.5.1 O Dinheiro Verdadeiro.	
é criado na própria Consciência	47
1.5.2 A Favor do Lucro	49
1.5.3 O Banco Ético	51

2. O DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA

Quem, senão todos nós?	53
2.1. Os Demais também Existem	54
2.1.1 Maior Sensibilidade Social	54
2.2. Uma Imagem Distorcida do Ser Humano	57
2.2.1 O Capitalismo é Pessimista	58
2.2.2 Darwinismo Econômico	58

3. DINHEIRO: CONSUMO, ECONOMIA, DOAÇÃO

Onde você coloca seu dinheiro?	63
3.1. Economia	63
3.1.1 Objetivo e Resultado	64
3.1.2 Economia e Desenvolvimento Humano	65
3.2. Dinheiro	68
3.3. Consumo	71
3.3.1 O que você Compra?	71
3.3.2 Por que você Compra?	75
3.3.3 De quem você Compra?	76
3.4. Economias	80
3.4.1 Quanto você Economiza?	80
3.4.2 Por que você Economiza?	80
3.4.3 Onde você Economiza?	
O investimento-empréstimo	83

3.4.4 O que Farão com meu Dinheiro?	86
3.5. A Economia e a Construção da Paz	89
3.5.1 A Crise da Pessoa Humana	89
3.5.2 A Violência que Virá	91
3.5.3 Um Conceito Global da Terra	92
3.5.4 Resolver a Polaridade antes que Exploda	93
3.5.5 Papel Humano da Economia	94
3.5.6 O Aspecto Triplo do Ser Humano	95
3.5.7 A Perversão da Economia: os Ciclos Econômicos	97
3.6. As Economias e a Construção da Paz	98
3.6.1 Melhorar o Investimento de nossas Economias	101
O Caso do Banco Tríodos	102
Aliança Mundial	
por um Sistema Bancário com Valores	104
3.7. A Doação	107
3.7.1 Quanto você Doa?	108
3.7.2 Por que você Doa?	108
3.7.3 A quem você Doa?	109
 Conclusão	 111
Entrevista	115
Agradecimentos	129

Introdução à primeira edição em português

Sergio Resende

Consultor e membro do Conselho Consultivo Instituto Ecosocial

Temos falado muito sobre os efeitos causados pelos avanços da tecnologia da informação em nossas vidas. A forma como nos relacionamos com as coisas e as pessoas estão se modificando de forma radical e se modificarão de maneira ainda mais rápida nos próximos anos. Todos nós, hoje, estamos e estaremos afetados profundamente por estas mudanças. Mas não é disto que se trata este livro e sim de um tema que afeta tanto ou mais a vida cotidiana de todo cidadão, inserido em qualquer sociedade no mundo, e que, apesar de inúmeros estudos, ainda é muito incompreendido: o DINHEIRO.

Quer você esteja se ocupando de sua escolha profissional, de sua aposentadoria, dos resultados de seu negócio, do orçamento familiar, das mudanças climáticas, da produção de alimentos em larga escala, das injustiças sociais, de suas férias, das próximas eleições, da produção artística de nossa época, das visões de mundo da esquerda ou da direita, de seus investimentos financeiros, de sua doação a uma igreja, ONG ou ao mendigo, o dinheiro estará sempre presente, transpassando todas as suas conversas, estratégias, sentimentos ou preocupações. Às vezes, mais concretamente visível, outras vezes, mais aerado, quase imperceptível, mas lá, sempre lá, dando contorno às suas decisões.

Frequentemente, no entanto, não temos muita consciência de que nossas escolhas são afetadas por uma série de crenças sobre o dinheiro. Para começar, tomamos o dinheiro como algo dado pela natureza, como o

sol, a terra, o ar ou a água. Não pensamos a respeito de sua real essência e função. Andamos por aí tomando pequenas e grandes decisões sem nos darmos conta do que está por trás delas.

Neste livro, Joan Melé, a partir de seu conhecimento teórico e experiência prática com o tema lança luzes sobre a essência do dinheiro e propõe como podemos transformar a sociedade na qual vivemos por meio da consciência de sua finalidade, de como e para que o usamos.

Para além da sociedade tecnológica que está dando nova forma a nosso viver, para nos prepararmos para a próxima etapa de desenvolvimento da humanidade, devemos nos unir a Joan e provocar a discussão sobre o tema do “Dinheiro e Consciência” em todos os fóruns possíveis, envolvendo nossa família, jovens estudantes, professores, gestores de negócios, banqueiros, poupadores, investidores, políticos, artistas, todos aqueles que experimentam uma moeda passando por suas mãos e que almejam avançar em direção a uma humanidade consciente e livre.

Nota à primeira edição em português

Daniel Izzo,
Cofundador e Diretor Executivo Vox Capital

Vivemos em uma sociedade na qual o mercado e o dinheiro ocupam papel central. O sucesso é quase sempre medido em termos econômicos: quanto cresceu o Produto Interno Bruto para um país, qual a receita e o lucro de uma empresa, qual o salário de uma pessoa... Sinais de status também são quase todos relacionados a valores monetários: tamanho da casa, modelo do automóvel, safras de vinhos, viagens inebriantes... É uma mentalidade quase infantil, segundo a qual ter é mais importante do que possuir outras qualidades.

Essa postura diante do dinheiro como fator central da vida tem gerado externalidades muito preocupantes. Desde a grande crise ecológica em que vivemos, já que os bens naturais não têm valor econômico, até a desigualdade social gigantesca na maior parte do mundo, gerada pelo egoísmo e pela busca de “maximização” dos ganhos individuais que somos incentivados a valorizar desde a idade mais tenra. Quando pensamos no dinheiro como um fim e não como um meio ou um símbolo de troca (sua verdadeira realidade), desconsideramos todas as possíveis externalidades causadas pelo seu uso. O dinheiro tem o poder de criar realidades futuras. Ele atua como a energia que dá força para que algo seja criado no mundo. Essa energia pode ser construtiva ou destruidora. Não é mais possível é ignorar as consequências de nossas escolhas econômicas, seja no âmbito da sociedade, seja a nível pessoal.

Nesse sentido, Joan Melé, com o livro *Dinheiro e Consciência*, nos leva a refletir sobre temas em que a questão central sobre o modelo de vida contemporâneo é colocado em discussão. Que papel o dinheiro deveria ter? Como fazer para que o dinheiro seja usado na criação de realidades desejáveis, ao invés de destruição e desigualdade? Que modelo econômico deveríamos adotar para evitar a rota de colisão em que nos encontramos? Perguntas muito relevantes e atuais, e que deveriam dirigir as pautas de governos, empresas e sociedade civil. E esse livro representa um passo importante para ajudar na construção do projeto de uma nova economia, de um novo mundo, mais justo e feliz para todos.

A Crise da Consciência

Álex Rovira Celma

Este é um livro necessário, essencial, pioneiro, valente e lúcido. Já deveria ter sido escrito há muito tempo. E se não o foi, não se deve a que seu autor, Joan Melé, nem o editor do mesmo, Jordi Nadal, não tivessem claro que era necessário, mas porque, provavelmente, seriam poucos os que os dariam crédito à extraordinária lucidez e sentido ético que surgem de cada uma de suas páginas. Porque este livro é como o medicamento que todos devemos tomar se quisermos ser saudáveis, tanto a nível individual, como coletivo, desde o aspecto econômico, até o ecológico, desde o âmbito psicológico, como o social. Mas... será que o paciente tomaria um remédio amargo se não sentisse que sofre de algum mal, embora fosse evidente para seu médico que ele padece de uma doença gravíssima, ainda não manifesta em sintomas? Com certeza, não. Além disso, ele desprezaria o médico e o consideraria um alarmista exagerado. Hoje, porém, necessitamos do remédio que a sabedoria de Joan Melé nos brinda, porque são muitos os que buscam respostas para esta crise econômica que é muito mais do que uma simples crise financeira e ou de produção. Hoje, mais do que nunca, são necessárias respostas no macro e no micro, porque é evidente que o sistema está enfermo e que é necessária uma mudança radical de consciência e de hábitos; mas, acima de tudo, é ainda mais necessário que nunca o questionamento baseado em perguntas inteligentes que nos levem a questionar como vivemos e como queremos construir nosso futuro.

Neste sentido, Erich Fromm se perguntava há mais de cinquenta anos: *“É necessário produzir seres humanos doentes para ter uma economia saudável?”*. Sua pergunta era um aviso e um prenúncio e, infelizmente, era

limitada. Hoje, imersos nesta crise econômica, caberia inclusive redefinir esta pergunta e aumentar seu nível de acidez: “*É necessário produzir seres humanos doentes para ter uma economia doente?*”.

Há pouco mais de um ano, vivíamos em um mundo onde os indicadores globais de riqueza se mantinham em alta dentro de um ciclo expansivo que durou quase quinze anos. Muitos sustentavam que não havia limite para o crescimento e respondiam, irritados, a qualquer consideração que reivindicasse o bom senso, à prudência, a colocar limites ao liberalismo sem medida, ao crédito sem limite, ao endividamento exagerado, aos salários e bônus indecentes de muitos altos executivos, à requalificação urbanística selvagem de determinadas áreas como “motor para a criação de riqueza”, entre outras barbaridades financeiras e econômicas. Barbaridades que hoje vemos como evidentes, porque o uso da Terra que está provocando a situação que estamos vivendo é um tapa na cara que nos deram para abirmos os olhos, inclusive aqueles que já não se atrevem a sair na foto para predizer em que cenário nos encontraremos dentro de algumas semanas porque, afinal, e já era hora, reconhecem que são incapazes de fazer uma previsão minimamente confiável.

Parecia não haver muito espaço para uma reflexão serena neste marasmo de euforia econômica. Era necessário surfar na crista da onda que crescia empurrada pela embriaguez global, pela ambição desmedida, pela percepção subjetiva de riqueza que gerava a extraordinária facilidade de endividamento mas, também, pela angústia e a ansiedade que nascem da pressão competitiva para tirar dinheiro de um bolo saturado de fermento que parecia crescer indefinidamente. Mas, algo não fazia sentido quando, em paralelo – e contemplando outro tipo de indicadores, desta vez relacionados à saúde da espécie – se podia observar, estupefato, que as doenças psicológicas, a depressão, a angústia ou as urgências psiquiátricas disparavam em um ritmo até mesmo maior que os indicadores daquilo que se passou a chamar de “crescimento econômico”.

Alfred Marshall, o notável economista britânico do final do século XIX, provavelmente o mais brilhante de sua época, afirmou pouco antes de morrer: *“Cheguei a conclusão de que a economia é uma tentativa vã de narrar a psicologia”*. Marshall indicava que, de fato, todo o processo econômico não é mais do que a manifestação de um conjunto de processos psicológicos, conscientes e inconscientes, individuais e coletivos. Neste sentido, caberia pensar que a crise econômica que estamos vivendo não é mais que um sintoma, a ponta do iceberg de um processo muito mais sutil e complexo. Se trataria, definitivamente, de uma crise de consciência, cujos ingredientes essenciais seriam a avareza, o egoísmo, o narcisismo, a paranoia e inúmeros traços psicopatológicos, tal como a falta de percepção da diversidade, de responsabilidade, de integridade, de visão sistêmica, ecológica e a longo prazo. Todos esses ingredientes que nos tornam merecedores de uma psicoterapia do conjunto da espécie, com ênfase especial naqueles que são os responsáveis por governá-la; aqueles que em foi depositada a confiança dos demais. Porque, em boa parte, a impotência atual é consequência da prepotência do passado e, também, da ingenuidade na hora de dar poder a determinados sujeitos cujas personalidades mostravam sintomas patológicos e de falta de decência evidentes e alarmantes.

A doença na psicologia é definida como a ausência de contato com a realidade. Pode parecer, então, que toda a crise econômica torna óbvio o evidente, até que estoure diante de nós. Quem sabe o maior problema do ser humano é a dificuldade de conviver com a realidade, que ele não consegue impedir de existir, por mais que lhe custe aceitar. Toda realidade observável é o resultado do conjunto de interações humanas, a realidade que vivemos não é mais que a manifestação necessária e sistêmica da patologia ou da saúde da psique, da alma, das pessoas envolvidas em tal realidade, seja qual for o tamanho do grupo que o compõe: desde o companheiro, passando pela família, por uma organização empresarial, uma tribo, um país ou o conjunto da espécie. Deste modo, poderíamos dizer que

a saúde ou a patologia psíquica dos indivíduos que integram um sistema e, em especial, os que o governam, tendem a se manifestar necessária e sistemicamente nos processos e resultados observados de tal sistema. A qualidade da alma se manifesta na qualidade das comunicações, relações, ações e objetos que emanam dessa alma. A psicologia, conseqüentemente, determina a economia.

O célebre professor de economia de Harvard, John Kenneth Galbraith, em seu lúcido ensaio “A economia da fraude inocente”, advertia em 2004: *“Medir o progresso social quase exclusivamente pelo aumento do PIB, isto é, pelo volume da produção influenciado pelo produtor, é uma fraude, e não é pequena.”*. Talvez tenha chegado o momento de ampliarmos os indicadores de desenvolvimento econômico com outros fatores que nos descrevam o estado psicológico das pessoas que criam, vivem e se beneficiam ou sofrem com essa economia. Porque a economia, mais do que cifras, reflete pessoas. Chegamos ao ponto de assumir que temos uma economia saudável na medida em que produzimos e consumimos de maneira crescente. Estamos “saudáveis economicamente” a partir do que geramos e consumimos e se mede nossa riqueza através de “macro-indicadores” que nos afastam do humano, do cotidiano, do doméstico, do real. A partir dos modelos econômicos atuais, por estes indicadores, poderíamos deduzir que a pessoa é algo secundário; o protagonista é o “consumidor” (o que consome, gasta, devora, come, etc.) ou o ser humano compreendido unicamente como meio de produção. Hoje, são “as coisas” que medem o “sucesso” do sistema (veículos emplacados, áreas construídas, toneladas consumidas...) e a pessoa, reduzida a elemento produtivo e de consumo, é a que suporta um sucesso aparente que estourou sob a forma de uma crise que, necessariamente, nos levará a um novo paradigma. Ainda que esta seja a primeira de uma seqüência de outras crises maiores, cuja finalidade será tomar consciência de coisas óbvias, bastante evidentes, tal como: não é possível ter um crescimento ilimitado em um mundo limitado.

Novos modos de pensar, agir, comunicar, criar e transacionar deverão surgir se quisermos sobreviver a longo prazo como espécie.

O trabalho que precisa ser feito não é inútil. A cultura, a formação, a palavra, a consciência, são, com certeza, o único caminho para a qualidade. Peter Drucker, considerado por muitos como o “guru” do gerenciamento no século XX, afirmava em seu livro *A administração na próxima sociedade*, no ano 2002, pouco antes de morrer: “*Todas as dimensões do que se supõe ser um ser humano, e o ser tratado como tal, ainda não foram incorporadas ao cálculo econômico do capitalismo*”. Pois chegou a hora. Ainda há tempo.

Por tudo isso, devemos dar graças à crise, graças à lucidez, ao compromisso e à integridade de Joan Melé por nos presentear nas páginas que seguem com reflexões imprescindíveis em direção a um mundo melhor para nossos filhos, em todas as dimensões.

Apresentação

Esteban Barroso

Fundador do Banco Tríodos na Espanha

e Diretor Geral de 2004 a 2014

Não é conveniente aproximar-se deste livro buscando um desenvolvimento literário impecável ou um ensaio que provoque certa curiosidade intelectual. Estas páginas registram a cópia quase literal do discurso formulado por Joan Melé em centenas de conferências, uma mensagem direta ao coração de pessoas interessadas em encontrar novas formas de intervenção social que melhorem a qualidade de vida de outras pessoas.

Trata-se de um discurso simples e envolvente, a partir do coração, e endereçado a ele, deixando de lado grandes explicações macroeconômicas e lançado por alguém que pode demonstrar coerência pelos quatro cantos do mundo. Milhares de pessoas foram testemunhas das palavras de Joan Melé nas mais de 300 palestras dadas em toda a Espanha. Porque, além de sua extraordinária dedicação profissional, Melé assumiu o desenvolvimento dos bancos éticos como um compromisso pessoal, entendendo-o como parte fundamental de sua forma de vida e pensamento.

Em seus mais de 30 anos de profissão em bancos convencionais, Joan Melé foi testemunha das contradições do sistema bancário como reflexo das próprias contradições de nossa sociedade: o impacto do dinheiro na realidade que nos rodeia e da vinculação que nos une a nossas economias como seres responsáveis e com consciência. Em seu discurso, Melé descobre contradições, formula perguntas e nos faz refletir

sobre as incongruências com as quais convivemos todos os dias. Ao final, descobrimos que, se formos capazes de unir o que pensamos, sentimos e queremos, poderemos criar uma grande corrente de consciência. É nisso que reside a importância de seu discurso; na tomada de consciência e no potencial de transformação pessoal, o que é denominado *individualismo ético*, mas em comunhão com os outros, que a partir da individualidade e da liberdade contemporâneas sejamos capazes de criar comunidades.

Melé nos diz que “outro mundo é possível”; ele começa em cada um, mas apenas se levamos em consideração as consequências que nossas decisões têm sobre os demais e agindo com responsabilidade. Nestas linhas, ele apela a um ser humano digno, consciente e, também, à responsabilidade que requer toda decisão. O mundo econômico está distante disto.

Se pensarmos profundamente sobre as consequências de nossas ações cotidianas, ficaremos surpresos com sua complexidade e com o alcance global que elas têm na sociedade. Com frequência, pensamos muito no que está distante e dedicamos pouco tempo pensando no que está perto, próximo e acessível. Joan Melé, em contrapartida, recupera o ‘você’, o ‘nós’, com perguntas diretas: O que você compra, por que você compra, onde você compra? Ao fazer estas perguntas, podemos descobrir que, sim, é possível mudar o mundo, de acordo com as respostas.

O dinheiro representa a vontade; a soma de vontades em uma mesma direção abre a possibilidade de mudança. Com meu dinheiro, decido se compro algo, se faço uma doação a alguém, ou se invisto ou aplico em uma instituição financeira. E, de acordo com as decisões que tomo em relação ao meu dinheiro enquanto indivíduo, estou favorecendo um tipo de realidade social ou outra. Imagine, por um momento, se somássemos todas as vontades para gerar uma mudança positiva a favor de uma sociedade mais ética e sustentável.

Esta é a proposta que Joan Melé lança em seus discursos e que agora foram registradas nestas páginas. Se não incorporarmos os

aspectos qualitativos nas decisões de compra ou em nossas economias, potencializamos a transferência da perda de valores para nossas decisões cotidianas. É preciso ter grande presença de espírito e de consciência para tomar decisões econômicas que não coloquem em risco nossas convicções e interesses mais profundos.

Um ponto de partida sensato, simples. Não é preciso apoiar-se em grandes explicações macroeconômicas para entender as contradições que ocorrem a nosso redor e buscar alternativas. Nestas páginas, somos incentivados a começar pelo que está mais próximo de nós, o que está sob nosso controle para, a partir daí, continuar unindo forças no caminho em direção a uma realidade social mais justa. As pequenas decisões de cada dia podem contribuir para melhorar o mundo.

A economia não é independente da realidade social que a rodeia, nem funciona como uma máquina que pode ser ajustada em função de quem a controla e com que finalidade. A globalização não considerou de maneira suficiente a diversidade e a complexidade do mundo atual. As pessoas estão no centro de toda a atividade financeira ou econômica. Nas organizações e empresas, esta afirmação se traduz no fato de que as pessoas são o eixo de sua atividade. Os profissionais do Banco Tríodos são o verdadeiro valor do banco. Um motor em que Joan Melé é uma peça-chave na necessária união entre a tarefa e os valores.

Posso presumir, com orgulho, de contar com a experiência e a humanidade de Joan Melé na equipe do Banco Tríodos, além de tê-lo como amigo.

